

DO AFASTAMENTO À EXALTAÇÃO: REPRESENTAÇÕES DAS IDENTIDADES ROMENAS E PORTUGUESAS NA IMPRENSA ESCRITA FRANCESA

Isabelle Simões Marques

Universidade Aberta

CLUNL-FCSH-Universidade Nova de Lisboa (Portugal)

isimoesmarques@fcsb.unl.pt

Andreea Teletin

Universitatea din București (Roménia)

andreeateletin@hotmail.com

1. Introdução

A imigração constitui um dos principais desafios político, económico e sociocultural do início do século XXI. O tratamento que os media dão à imigração tem uma influência direta sobre a imagem e opinião que uma dada sociedade constrói em torno desse fenómeno. A forma como as informações são processadas, o recurso sistemático a estereótipos e a repetição excessiva de certos elementos informativos guiam e direcionam a informação. As informações, os relatórios, editoriais e reportagens são inúmeros e recorrentes em todos os media, de tal forma que esta temática constitui uma das principais preocupações dos investigadores em Análise do Discurso. A abordagem discursiva, completada com análises semióticas, lexicais e textuais, permite examinar a questão da imigração e sua cobertura mediática, no que diz respeito à representação social do fenómeno migratório, à representação social e política dos imigrantes assim como outros aspetos relacionados. A forma como certos assuntos mais ou menos polémicos ou “sensíveis” são tratados pelos media é muito pertinente para o nosso estudo. A opinião pública e o imaginário coletivo são moldados a partir do que vemos, ouvimos e lemos em muitos e variados meios de comunicação. A acumulação e repetição incessante de informações diárias que se assemelham cada vez mais na sua forma e conteúdo, causam, entre outros fenómenos, o que podemos chamar de “pensamento único”. Desta forma, a questão da imigração no discurso mediático é particularmente adequado para o estudo dos mecanismos linguístico-textuais da construção do ponto de vista. As atividades sociais, políticas, culturais e humanas da imigração supõem, por parte dos intervenientes, em cada um destes níveis, uma tomada clara de posição. Orientado para o relato da realidade, o discurso mediático reflete, de uma forma ou de outra, os traços linguísticos dessas mesmas tomadas de posição. Perguntar-nos-emos como a imprensa recupera e (re)formula a questão da imigração. Será que há em França um tratamento diferenciado das questões políticas da imigração portuguesa e romena ligadas às

orientações ideológicas da imprensa ou tratar-se-á de uma tendência para a uniformização dos pontos de vista sobre a questão? O nosso estudo tem um duplo objetivo, a saber: i) destacar os desafios da imigração de origem portuguesa e romena tal como são (re)construídos e tornados visíveis pela imprensa escrita francesa desde 1994 até hoje; ii) ligar este trabalho de (re)construção dos desafios da imigração à sua articulação e funcionamento desde o início dos anos 1990 e as relações sociais em França.

2.A questão da imigração nos media

Podemos argumentar que a categoria “imigrante” (tal como a de “estrangeiro”) participa das formas de diferenciação internas nas sociedades e refere-se a modos de nomeação do outro ou de alteridade social (Fichet, 1993). Pelo tratamento que é feito na imprensa escrita francesa, esta categoria é socialmente marcada pela origem “estrangeira” dos seus membros. Neste sentido, a categoria “imigrante” aproxima-se da do “estrangeiro”, ou seja, aquele que é objeto de afastamento pelo grupo maioritário que não reconhece a sua adesão plena o grupo, independentemente das suas semelhanças ou diferenças objetivamente partilhadas com os seus membros.

A imprensa escrita tende a extrair indivíduos e grupos sociais dos contextos e salientar as suas características próprias que estruturam os seus relacionamentos e as suas relações sociais concretas. Por outras palavras, do ponto de vista da imprensa, não são trabalhadores, estudantes, homens, mulheres, jovens, pobres, etc., mas sim identidades coletivas etnicizadas. Ao fazer isso, tenta-se estabelecer uma relação funcional específica entre divisões da vida social e do campo político. Extraem-se indivíduos, coletivos ou grupos sociais das categorias de vida social concreta para inseri-los ideologicamente em pertenças simbólicas ou identidades coletivas. Tudo isto é feito como se tivessem propriedades sociais, propriedades que a própria linguagem retoma, com a principal função de (de)construir reciprocamente a legitimidade dos atores sociais. Essa legitimidade é construída com base numa representação binária e dicotómica (exclusão/integração, xenofobia/inclusão, etc.) do campo assim constituído socialmente. Reformulando, a imprensa escrita dá aos indivíduos e atores sociais propriedades coletivas que permitem ser apreendidas pelo discurso, podendo reinvesti-las nos desafios sociais.

O estudo de Amossy & Herschberg-Pierrot (1997) sobre os estereótipos permite aprofundar a nossa discussão. Assim, o termo “estereótipo” denomina as imagens mentais que medeiam a nossa relação com a realidade. Tratam-se de representações preconcebidas, já existentes, que medeiam uma relação com a causa e o real. Além disso, a componente temporal é essencial para colocar este processo evolutivo num tempo extenso, porque é aí

que acontece uma mutação silenciosa das representações, cujo efeito será visível ao longo das gerações. Com este objetivo, salienta-se a importância das representações coletivas na coesão do grupo. O exemplo do estereótipo coloca-o claramente nesta ótica coletiva, pois permite o reconhecimento e a troca simbólica no seio de uma comunidade. A representação social, tal como o estereótipo, relaciona a visão de um determinado objeto com a pertença sociocultural do sujeito. Pertence a um conhecimento de senso comum, entendido como “espontâneo”, “ingênuo” ou “natural” em oposição ao pensamento científico (Jodelet, 1994).

O discurso mediático requer uma investigação ampla, não só a nível textual (análise semiolinguística), como a nível discursivo (processos mediáticos específicos) como também a nível sociocultural (como o discurso mediático contribui para a estabilidade e a mudança social). A realidade social é construída por meio dos discursos - do discurso dos media por excelência - e a realidade jornalística não é idêntica à realidade material, embora seja essa a sua origem. A realidade mediática constrói-se no percurso dos processos de seleção e reenquadramento das informações. A realidade jornalística nem sempre é um espelho fiel da realidade material. A verdade não está no discurso, mas sim no efeito que este produz. A análise da estrutura das notícias a partir da perspectiva do conteúdo, da forma e do estilo tem como objetivo a avaliação das dimensões socioculturais dos media e da comunicação: as perspectivas políticas, a orientação ideológica, a dependência institucional. E, neste contexto, as características das notícias aparecem como consequências das restrições culturais e ideológicas. A maioria das imagens encontradas nos media refletem a experiência e os interesses dos grupos dominantes - considerados como majoritários - na nossa sociedade, e pressupõe-se que sejam eles próprios o público-alvo.

Nesta perspectiva, a nossa análise obedece a duas etapas metodológicas distintas: num primeiro momento analisaremos o conteúdo das notícias a partir dos títulos e subtítulos, e, num segundo momento, identificaremos as visões do mundo que regem a (re)produção dos textos informativos, especialmente os objetivos estratégicos ou outros elementos que ajudem a identificar os modos dominantes de apreensão da sociedade francesa. Na análise do conteúdo, os títulos e subtítulos dos artigos serão considerados a unidade de registro, escolhendo como categoria central de análise o ator social e as suas diversas facetas. Assim, demos especial atenção ao uso de termos referentes a nacionalidades e etnias, circunstâncias/lugar dos acontecimentos, sexo, faixa etária, papel social e valores.

3. Análise do corpus

Focámo-nos nas representações dos atores sociais e nas estratégias narrativas que permitem a sua inclusão ou exclusão nos artigos. Quatro artigos de imprensa foram alvo de

uma análise mais aprofundada. O nosso corpus é retirado dos dois maiores títulos da imprensa diária francesa: *Libération* et *Le Figaro*. *Libération* é um jornal considerado de esquerda moderada enquanto *Le Figaro* é considerado de direita republicana. O corpus é assim constituído por quatro notícias provenientes destes dois jornais: as duas primeiras, que dizem respeito à imigração portuguesa, foram publicadas em 2000 e 2001, e as duas notícias relacionadas com a imigração romena são de 2014. Estes dois conjuntos de textos têm em comum o facto de tratarem da mesma notícia.

3.1.Imigração portuguesa

Passando à análise do corpus relativo à imigração portuguesa, retirámos duas notícias do *Le Figaro* e de *Libération* de 2000 e 2001. Portugal sempre foi e continua da ser um país de emigração. A seguir à II Guerra Mundial a reconstrução europeia faz-se com base em políticas de recrutamento ativo de trabalhadores do Sul da Europa e as portas abrem-se à imigração. A grande emigração para França data do final dos anos 50 do século XX, quando cerca de 1,5 milhão de Portugueses emigraram para este país. Em 2008 registavam-se em França um total de 581.000 pessoas de origem portuguesa e 450 000 descendentes de Portugueses (66% com idades compreendidas entre os 18 e 34 anos, ver Insee 2012). No início dos anos 2000, verificou-se uma subida significativa de jovens luso-descendentes para Portugal, jovens esses na maioria binacionais e que desejavam iniciar uma nova vida no país dos seus pais. Os dois artigos escolhidos tratam precisamente da questão da chegada de luso-descendentes para Portugal e apresentam entre si títulos e subtítulos um pouco diferentes, como o podemos ver:

Le Figaro (01/08/2000) – Internacional

A segunda vida dos « retornados »

PORTUGAL.

Há cada vez mais **imigrantes portugueses** que regressam definitivamente ao [seu] país³⁵

Libération (09/04/2001) - Economia

Uma integração difícil

Lisboa enviado especial

Salários inferiores, diplomas pouco reconhecidos, o **regresso desejado** é muitas vezes repleto de dificuldades

Os jornalistas que escrevem estas reportagens não se encontram em França, mas sim em Portugal, ou seja no país destes “imigrantes portugueses” que “voltaram” a viver em Portugal segundo a sua própria vontade. Assim, se no título de *Libération* o ator social não é nomeado, permanecendo portanto implícito, ele é claramente explicitado através de um termo português (“retornados”) no jornal *Le Figaro*. O facto de usar este termo entre aspas reenvia para o conceito de “heterogeneidade demonstrada” de Authier-Revuz (1982, 1995).

³⁵ As traduções são nossas.

Este termo refere-se aos antigos habitantes das colónias portuguesas que foram forçados a regressar a Portugal continental em razão das guerras de descolonização. O termo é aqui usado de forma inesperada para falar destes jovens luso-franceses descendentes da imigração. O termo “integração” utilizado no título de *Libération* é geralmente usado em França para falar da imigração, sendo utilizado neste caso para referir-se à chegada de Franceses de origem portuguesa, ou de acordo com a perspetiva usada pelos dois jornalistas, à segunda geração de Portugueses em França, que “retornam” naturalmente para o seu país, remetendo estes jovens para uma esfera estrangeira e exterior à pertença nacional francesa. Pela diferença de tratamento dos títulos poderíamos pensar que os artigos teriam uma abordagem sensivelmente diferente para este assunto, mas percebemos, através da análise, que a representação social desses jovens é bastante semelhante, como o podemos comprovar através do conteúdo destes dois artigos:

A segunda vida dos « retornados »

Os filhos de imigrantes portugueses, que vieram para França com os seus pais nos anos 60, agora com idades na casa dos 40 anos, são cada vez mais a voltar a viver para a sua **terra natal**. Com mais ou menos sucesso, adaptam-se a um país que conhecem até aqui apenas durante o sol das férias.

Um edifício com cornijas à francesa, persianas de madeira verde e pequenos quadrados às janelas. Um jardim ainda inculto, com cheirinho a lavanda e gladiolos importados de Orleães. A casa dos Cornero Da Silva na aldeia de Santiago d’Antas, a 25 kms a norte do Porto, é agora habitada durante todo o ano. Há um ano, **Fernanda, Tino e os seus dois filhos** decidiram romper com 32 anos de vida em França para voltar às montanhas da sua aldeia natal.

Longe de ser um caso isolado, a família Da Silva faz parte desses **Portugueses de segunda geração**, que com quarenta anos, optam por **voltar definitivamente para o seu país**. Para **Tino** «é uma segunda vida que começa!»

Enquanto eram quase 760 000 em 1975, os Portugueses não são mais de 600 000 em França. De acordo com a Embaixada Portuguesa em Paris, 20 000 cidadãos portugueses deixam todos os anos a França para **voltar para o seu país**. Para o círculo eleitoral do Porto, o número de **“repatriados”** terá duplicado em dez anos, passando de 1200 a 3500 pessoas. É verdade, a democratização do regime e, sobretudo, a explosão económica que se seguiu à entrada de Portugal na União Europeia, em 1986,

Uma integração difícil

Fizeram o caminho oposto ao dos seus pais. No final dos anos 60, tinham fugido da pobreza para se estabelecer em França como **pedreiros ou porteiros. Hoje em dia, bem alimentada, repleta de diplomas, e oriunda de uma Europa integrada, a segunda geração retorna às raízes... e ao país.** Não como um retorno a uma Terra prometida, apenas como uma forma pessoal de viver **uma dupla cultura, uma dupla identidade**. A propósito de identidade, encalhamos no primeiro obstáculo: quem são eles exatamente? **Franco-Portugueses** que sentiram “saudades” ao contrário? **Filhos de imigrantes realizando esta esperança de “retorno” que os seus pais nunca deixaram de acariciar?** Ou, mais prosaicamente, jovens ambiciosos aventureiros e à procura de oportunidades profissionais?

Em Portugal, não existem realmente como uma comunidade. Nada a ver, por exemplo, com “os retornados”, os antigos colonos oriundos das antigas colónias. Então, acabou-se por lhes dar um nome um pouco frio, “luso-descendente”. O termo não lhes agrada, mas, ao desembarcar em solo português, têm de admitir que são **“estrangeiros”**. De acordo com o Consulado francês no Porto, há cerca de 30 000 pessoas que chegaram a Portugal, independentemente de serem oriundos da diáspora na Suíça, Alemanha ou África do Sul (4,5 milhões de portugueses, ou seja um terço do total da população portuguesa, vive no estrangeiro). E o movimento deve ir crescendo uma vez que os candidatos ao retorno são muitos. Para a maior parte, são jovens que frequentaram o ensino superior e que estão confiantes de que podem ter sucesso numa terra que sempre foi sinónima para eles de “subdesenvolvimento” e “férias de verão”.

Descolagem.

Tudo começou no início dos anos 90, quando Portugal, estreante na UE, conhece uma descolagem sem precedentes. Com a Expo98 em Lisboa em destaque, **os “filhos de imigrantes” afrancesados** consideram combinar oportunidade profissional, destino meridional e **regresso às origens**. Na

influenciaram esse regresso à casa. Mas o desejo de desfrutar dos seus rendimentos, a esperança de uma qualidade de vida melhor, o medo de ver os seus filhos casar com um estrangeiro e de ficarem de novo separados, são muitas vezes os argumentos prioritários. “Não trabalhámos como loucos durante vinte anos para que as crianças se estabeleçam em França, **exclama Fernanda**. Era melhor partir durante os seus anos de ensino secundário. Depois teriam procurado um trabalho e teriam construído a sua vida lá”. Mas para **Sandra, de 17 anos e nascida em Orleães**, deixar a França não foi fácil: “Toda a minha vida estava no Loiret. Tinha lá os meus amigos e hábitos. Portugal representava o país das férias. Quando vim morar para cá durante todo o ano, tive de aprender a escrever bem a língua que eu só conhecia de forma oral”. **Denominadas “retornadas”, essas crianças do país que partiram para o estrangeiro nem sempre retornam com uma fortuna feita.** Os jovens, em particular, não puderam, por falta de tempo, ganhar uma quantia suficiente para pagar os seus empréstimos. Além disso, o nível salarial sendo muito baixo, obriga-os a trabalhar quase tanto quanto no estrangeiro. Paga 50F à hora de limpeza em França, Fernanda não ganha mais que 500 escudos (15F) em Portugal. “A vida não é muito mais barata do que em França, mas os ordenados são muito mais baixos. Aqui, cada despesa é contada, mesmo não pagando renda”, **explica Fernanda**.

No entanto, o seu marido Tino, obreiro, não teve dificuldade em encontrar um emprego, **a experiência profissional adquirida em França é muito apreciada. Os “retornados” têm de superar outro obstáculo: as mentalidades. Nem sempre bem recebidos pelos autóctones,** têm por vezes dificuldade em readaptar-se ao modo de vida português. Nas regiões rurais, as tradições permanecem vivas. **Fernanda**, veio para a França com a idade de 8 anos, recusa ser uma dona de casa sujeita às ordens do seu marido. “Aqui, diz, as mulheres nem sempre têm o direito de falar. Para muitas das minhas vizinhas, sou vista como uma revolucionária, simplesmente porque digo o que eu penso!”

Mas é sobretudo no meio escolar e universitário que aparecem as dificuldades: para validar as equivalências, dominar a língua, adaptar-se ao ritmo escolar... O que pode desencorajar **muitos jovens** e manchar a imagem idílica de Portugal transmitida por pais nostálgicos.

Na escola secundária de Vila Nova de Famalicão, **Sandra** teve de passar de novo os seus exames de 9º ano para validar o seu nível de estudos: “No começo, não entendi que

Câmara de Comércio Luso-Francesa, em Lisboa, confirma-se este afluxo. “Desde 1997, recebemos entre 600 e 800 CV por ano, diz **Filomena Faustino**, ela própria “**luso-descendente**”. Muitos procuram vir, examinar as boas saídas ou dão diretamente o salto. A maioria fala de fugir do stress, encontrar uma melhor qualidade de vida. Na verdade, o percurso de obstáculos está apenas a começar”.

Porque este retorno não é fácil. Para furar, é preciso muitas vezes engolir o seu orgulho, enfrentar o “choque das mentalidades”, não contar muito com os seus diplomas, aceitar uma redução do seu salário francês (o salário médio é de cerca de 4000F), e não esperar nada do Estado Português, já ultrapassado pela imigração vinda de África e da Europa de Leste. A via mais segura, é a via “empresas francesas”. Aproveitando a explosão económica, praticamente sem desemprego (cerca de 4%), Air France, Fnac, Afflelou, Decathlon, Auchan, etc. desembarcaram e aproveitaram bem este ambiente de consumismo desenfreado.

Bem preparados em França e bilingues, os “luso-descendentes” são recrutas de primeira escolha para cargos de executivos, secretárias executivas, oficiais de ligação, engenheiros em telecomunicações. “Não são posições de responsabilidade, os salários nivelam-se no início a 300 000 escudos (10 000F), **explica Filomena Faustino**. Mas existe a possibilidade de subir de posto e ter uma boa situação”. A grande maioria veio para Lisboa ou a região do Porto; outros aproveitam a explosão das cidades de tamanho médio, como Figueira da Foz, Aveiro, Leiria, ou comprando um franchise “Intermarché”, ou abrindo uma loja.

Para um deles, “Portugal é o campo de possibilidades; na França, estamos em padrões demasiados estreitos”. Ideias feitas. Está bem, mas isso não impede muitos erros ao longo do caminho. “O problema de fundo é uma certa ignorância de Portugal, **opina Hermano Sanches Ruivo, presidente da Cap Magellan**, a maior associação de **Franco-Portugueses**, com sede em Paris. Muitos imaginam desembarcar num país atrasado, no qual não é difícil superar. É o espelho distorcido que lhe reenvia a aldeia onde passam as suas férias todos os anos”. De facto, o cliché, sea, sex and fun parece despertar vocações. “Em dezembro e julho, recebo um monte de pedidos de instalação por pessoas vestidas com camisas às flores, testemunha **Richard Gomes, do Posto de Expansão Económica (PEE), da Embaixada de França em Lisboa**. Querem abrir uma casa de jogo, um karting. Não têm projetos muito definidos, nem abordagens muito profissionais”. Na câmara de comércio, também se critica uma certa “prepotência” do recém-chegado. O exemplo típico: o titular de um Mestrado que pensa conseguir logo uma posição de “executivo superior” por 17 000F por mês.

“As saídas profissionais não são infinitas, diz **Filomena Faustino**. Os professores, por exemplo, têm pouca sorte. E depois há a armadilha do grau académico. Aqui, são ignorados graus como os IUT, os BTS, os DESS, os HEC...”. A interessada fala por experiência própria. Esta jurista chegada em janeiro de 1998 teve de esperar dezoito meses antes de validar o seu diploma. “Se não estamos altamente cotados, é extremamente difícil encontrar um escritório de advocacia. Eu, reciclei-me, mas tenho amigos que ainda estão a lutar”. Muitos candidatos de mãos vazias ou muito exigentes voltam para trás. Para **Richard Gomes**, “muitas vezes não têm o espírito de carreira. A maioria reproduz o esquema dos pais, no sentido

podiam duvidar do meu nível. Depois não ousava falar durante as aulas, porque os meus colegas riam do meu sotaque francês. **Todo o mundo me chamava a Francesa, mas no meu BI sou Portuguesa.** Os únicos amigos que tenho hoje são filhos de imigrantes que voltaram para casa. Portugueses-Suíços, Ingleses ou Alemães. Somos todos estrangeiros para as pessoas de cá”.

Muitos destes jovens portugueses nascidos no estrangeiro e sem reais raízes consideram mudar-se. “Acho que mais tarde sairei de Portugal, **diz Sandra.** Não para a França, mas para os Estados Unidos ou a Suíça, pois lá a moeda é forte. Mais tarde, talvez voltarei para casa para cuidar dos meus pais”.

http://recherche.lefigaro.fr/recherche/access/lefigaro_print-afficher.php?archive=BszTm8dCk78Jk8uwiNq9T8CoS9GECShiKn85WymEBW3ary3ygHF9%2FER2%2BtO7PkTbsUcrtr3DAWmZy6BaSOXVcw%3D%3D

contrário, e isso leva ao fracasso”. As trajetórias de integração não faltam, mas a chave para o sucesso reside na escolha de uma saída profissional relevante, na sorte e, com certeza, numa boa preparação e persistência.

Cristine Almeida, 24 anos, tem uma licenciatura em LEA pela Sorbonne. Depois de estágios bem certos na Fiat e na seguradora Mondial Assistance, e desfrutando de um apartamento comprado pelos seus pais, conseguiu um emprego como assistente comercial na Scoderec em Lisboa. “Um trabalho que eu nunca teria tido em França”. Há ainda o caso de **Ana Santos, 29 anos,** criada perto de Rouen numa família onde o “português era a língua obrigatória”. Depois de vários anos de biscates pagos uma ninharia, Ana conseguiu um bom trabalho na Sonae, o primeiro grupo industrial português. “Fugi de uma rotina em França, e não me arrependo de nada. Apaixonei-me por Lisboa e não tenho nenhuma vontade de sair agora”.

http://www.liberation.fr/economie/2001/04/09/une-integration-difficile_360794

A denominação que é feita do ator social em questão é bastante vaga: “des enfants d’immigrés portugais” (filhos de imigrantes portugueses) (LF), “ces Portugais de la deuxième génération” (estes Portugueses de segunda geração) (LF), “rapatriés” (repatriados) (LF), “retornados” (LF), “jeunes portugais” (jovens portugueses) (LF), “deuxième génération” (segunda geração) (L), “Franco-Portugais” (Franco-Portugueses) (L), “fils d’immigrés” (filhos de imigrantes) (L), “fils d’immigrés francisés” (filho de imigrantes francizados) (L), “luso-descendants” (luso-descendentes) (L).

Esta profusão de denominações revela duas coisas: por um lado, a dificuldade em definir a sua identidade e o seu lugar social na esfera francesa e, por outro lado, a afirmação que não pertencem à esfera nacional francesa, colocando-os numa posição de afastamento em relação ao grupo dominante. Os jovens são devolvidos às suas origens estrangeiras e até mesmo ao seu estatuto estrangeiro, não só em França como também em Portugal. Além disso, Portugal é considerado como o seu “país natal” (“pays natal”) (LF), os jovens querem “regressar ao país” (renter au pays) (LF), “regressar às raízes e ao país” (retourner aux racines et aux pays) (L) e querem regressar às suas origens (“retour aux origines”) (L). Apesar deste claro afastamento discursivo, verificamos que o ator social é citado e individualizado, sendo muitas vezes ativo. O discurso é proferido, em muitos casos, na primeira pessoa, quer seja no corpo das notícias ou na citação das fontes. Os atores sociais estão situados, quase sempre de maneira positiva, graças às suas características socioeconómicas, a sua formação profissional ou as suas ocupações passadas ou presentes,

salientando dessa forma o papel fundamental da França nesse processo (“Tino, obreiro, não teve dificuldade em encontrar um emprego, a experiência profissional adquirida em França é muito apreciada”, “Bem preparados em França e bilingues, os “lusu-descendentes” são recrutas de primeira escolha”). De referir que, ao lado destes jovens que estão em Portugal, destaca-se um grupo de atores sociais incluídos, passivos mas personalizados (recrutadores, representantes de associações, líderes empresariais), determinados conforme a sua denominação funcional (com referência às funções e ações) e por denominação simbólica (comportamentos e atitudes em relação aos atores sociais imigrantes).

3.2. Imigração romena

Passemos à análise das duas notícias dizendo respeito à imigração romena. A emigração romena é muito mais recente do que a emigração portuguesa. Do ponto de vista demográfico, podemos identificar uma primeira vaga de imigrantes romenos, aqueles que chegaram à França pouco depois da queda do comunismo, em dezembro de 1989. Uma segunda vaga pode ser identificada em 2002, depois do renunciamento à exigência de vistos, uma terceira vaga após a adesão da Roménia à União Europeia em 2007 e uma última vaga após a abertura do mercado de trabalho no território francês em 2014. Entre os imigrantes provenientes da Roménia, o caso dos ciganos é especial, uma vez que é uma imigração estruturada em torno de redes familiares em acampamentos e bairros de lata que se desenvolveram em torno de Paris (nas áreas de Seine-Saint-Denis Denis e Essonne), perto de Lyon, Marselha e Nantes, tal como aconteceu com alguma parte da imigração portuguesa no início dos anos 1960. A imigração cigana de nacionalidade romena foi estimada entre 15.000 a 20.000 pessoas e em 2013 as autoridades francesas procederam à expulsão de mais de 19.000 roms, desmantelando 165 acampamentos dos 400 recenseados em França. A correlação de variáveis, a proeminência do ator (personagem principal, secundário ou ocasional) e o tamanho do artigo (curto, médio, longo) tem como alvo a identificação dos tipos de artigos cujos atores principais são os Romenos. Na maioria dos casos, são atores centrais em materiais de pequenas dimensões - breve ou artigo - e médios – reportagem ou investigação - e raramente suscitam interesse para materiais de larga escala, como é o caso dos imigrantes portugueses. Os Romenos em França estão associados a diversos tipos de crimes, mas aqueles que os envolvem como agentes principais estão relacionados com o seu estatuto de imigrante ilegal: a falta de documentos, documentos ou vistos expirados, acampamentos ilegais, desmantelamento de acampamentos e bairros de lata, repatriamentos forçados. Portanto, vemos uma forte tendência da publicação para relatar acontecimentos que envolvem os Romenos de forma negativa.

Le Figaro (12/05/2014) – Flash actu

93: o maior acampamento de Roms foi despejado

O maior acampamento de **Roms** de Seine-Saint-Denis, onde mais de **700 pessoas** se tinham estabelecido ao longo da autoestrada A3, foi desmantelado na segunda-feira sem incidentes, visto que a maioria das **pessoas** tinham abandonado o local na véspera.

“O desmantelamento dos habitats precários improvisados começou esta manhã e **algumas pessoas** foram evacuadas pela polícia”, declarou à AFP o **prefeito de Seine-Saint-Denis Philippe Galli**.

Separado da autoestrada por um muro de dois metros de altura, este acampamento de 550 metros de comprimento, localizado entre as cidades de Blanc-Mesnil e Aulnay-sous-Bois, estava ocupado por **ciganos romenos**. Existiam cerca de 200 barracas.

Há habitações que foram reservadas para “uma dúzia de pessoas com grandes dificuldades”, **indicou o prefeito**. **Durante a evacuação, a fila de emergência da autoestrada A3, no sentido província-Paris, foi neutralizada, causando “alguns abrandamentos”** na parte da manhã.

“Tínhamos colocado polícias numa das vias por razões de segurança, para evitar que **alguns** atravessassem a autoestrada ao querer fugir e evitar acidentes. O acampamento estava quase vazio e tudo correu sem incidentes”, indicou no local **Laurent Mousseaux, responsável da Direção das Estradas de Ile-de-France (Drif)**, responsável por esta zona da autoestrada.

Durante a tarde, uma retroescavadora recolheu detritos, sucatas de veículos e pedaços de madeira demolidos, **constatou um jornalista da AFP**.

“Tudo foi partido e agora é preciso recolher os detritos antes de poderem ser retirados do local e transportá-los para aterros sanitários”, acrescentou Mousseaux, detalhando que **esta limpeza demoraria “cerca de quinze dias”**.

Neste acampamento, “uma preocupante acumulação de detritos” foi descoberta, disse à AFP **Bruno Beschizza, prefeito UMP de Aulnay-sous-Bois**, que passou no local. Segundo ele, 10 000 toneladas de detritos, dos quais cerca de 6000 toneladas de “detritos de obras” depositados ilegalmente, foram recenseados. “A troco de modestas quantias, os moradores acolhiam contentores cheios de entulho”, disse.

Um inquérito administrativo relativo aos depósitos de detritos foi aberto, indicou a prefeitura. Segundo ela, **a fatura para a remoção e tratamento dos resíduos do local é estimada entre 500 000 e 700 000 euros**.

De acordo com **Anaïs, membro do coletivo de apoio aos Roms de Blanc-Mesnil**, que não quis dar o seu nome completo, as famílias prepararam as suas “mochilas à pressa no domingo”. “Quando fomos vê-los no domingo, muitos tinham partido e outros estavam prestes a sair, à pressa. Esta evacuação foi precipitada pela mudança de rótulo político destes dois municípios”, lamentou.

<http://www.lefigaro.fr/flash-actu/2014/05/12/97001-20140512FILWWW00135-93-le-plus-grand-camp-de-roms-evacue.php>

Libération (12/05/2014) - Sociétés

O maior acampamento rom do 93 foi desmantelado

Um 200 cabanas, feitas de materiais diversos, para mais de **700 pessoas**... O desmantelamento do maior acampamento de **Roms** de Seine-Saint-Denis começou ontem de manhã, com a **presença dos prefeitos de Aulnay-sous-Bois e Blanc-Mesnil, Bruno Beschizza (UMP) e Thierry Meignen (UMP)**. Desde a sua eleição, em março, o acampamento estava sob a notificação de dois decretos municipais “de desocupação”. **As famílias roms** tinham-se estabelecido ao longo da A3 em julho de 2013. Avisadas da evacuação, tinham abandonado o local há alguns dias. De acordo com **Philippe Galli, prefeito de Seine-Saint-Denis**, acomodações foram previstas para “uma dezena de pessoas em grande dificuldade”. **A limpeza do acampamento deverá demorar duas semanas: “Os habitantes acolhiam contentores cheios de entulho em troca de modestas quantias”, declarou Bruno Beschizza**, que estima existirem cerca de 10 000 toneladas de resíduos no local. Um inquérito administrativo relativo a esses depósitos foi aberto, indicou, por sua vez, a prefeitura.

http://www.liberation.fr/societe/2014/05/12/le-plus-grand-camp-de-roms-de-seine-saint-denis-demantele_1015505

O ator social-tipo definido como “Rom” - fazendo apenas referência à sua etnia - não tem as honras do discurso direto, como no caso dos imigrantes portugueses. As anáforas são principalmente anáforas por sinonímia, com substituição nominal “700 personnes” (700 pessoas), “quelques personnes” (algumas pessoas), “une dizaine de personnes” (uma dúzia de pessoas), “familles roms” (famílias roms), “tziganes roumains” (ciganos romenos), “habitants” (habitantes) ou por substituição pronominal “quelques”(alguns). A imagem que nos é reenviada é que os ciganos vivem em acampamentos ilegais na periferia, que são considerados como delinquentes, marginais, vivendo rodeados de lixo e detritos, acomodando-se destas habitações precárias por ter um negócio com empreiteiros de construção civil. Podemos afirmar que esta falta de individualidade e discurso direto provoca uma desumanização destes seres que são encarados meramente como inconvenientes para a maioria da população francesa. Aliás, o facto de referir que esta evacuação causa perturbações a população francesa (« Durante a evacuação, a fila de emergência da autoestrada A3, foi neutralizada, causando “alguns abrandamentos”») assim como os custos desta operação por envolver agentes das autoridades e dos serviços de limpeza («esta limpeza demoraria “cerca de quinze dias”, «a fatura para a remoção e tratamento dos resíduos do local é estimada entre 500.000 e 700.000 euros », «Tínhamos colocado polícias numa das vias por razões de segurança ») provocam no leitor uma sensação imediata de rejeição e incómodo. Estes imigrantes são vistos apenas como incomodativos para a sociedade francesa que não quer a sua presença. Em oposição a este ator social “cigano de origem romena”, temos outros atores sociais, todos eles franceses, representantes da lei ou da polícia. É o caso dos dois presidentes de câmara e do prefeito que têm direito, eles, a citações e discurso direto e que são individualizados, ativos, determinados pela denominação funcional e simbólica (por referência a funções e ações para o benefício de policiamento, da justiça e do bem-estar social, presença de um jornalista que também “testemunhou” (“constatou um jornalista da AFP”) e a identificação física (os artigos referem-se ao tempo e ao espaço). A sua presença vem reforçar o contraste entre a ordem estabelecida e a desordem e prejuízo causado por estes imigrantes.

Como vemos através destes dois conjuntos de textos, o tamanho e a abordagem do artigo estão ligados ao grau de interesse do jornal em noticiar o acontecimento. Assim, constatámos que as ideologias políticas, ou pelo menos, as orientações editoriais de cada jornal orientará o tratamento da notícia. Se no caso dos imigrantes portugueses *Le Figaro* dedica um artigo mais sucinto, é curioso verificar que dedica mais espaço aos imigrantes romenos num artigo da secção “flash actu” que por si deveria mais breve.

4. Conclusões

As representações simbólicas são o resultado de uma simbolização que só pode ser efetuada através da linguagem. Enquanto o imaginário, e até mesmo o real, são individuais, o simbólico, através da partilha de uma língua, é comum a todos os seus locutores. O processo de comentário na enunciação surge do desejo do jornalista-escriptor em impor a sua representação da realidade, ou melhor, da sua realidade. A forma como se fala da imigração como palavra referente ou porque o outro é a referência, parece ir no sentido de uma normalização das declarações que está relacionada com a construção de uma imagem da realidade sobre a qual queremos intervir e que é aí introduzida. Neste processo mediático de ativação de uma realidade de normalizações políticas, ou seja própria da expressão da cidadania, reações ideológicas podem estabelecer-se em relação a uma ideologia organizadora da maneira de pensar o mundo e o modo de compreensão das coisas. Este imaginário, intersubjetivo e simbólico, constrói-se entre ideologia espontânea de si próprio e ideologia do outro socializada, podendo estas duas ter um sentido comum (Ver Hailon, 2012). Desta forma, procurámos definir os lugares do discurso do outro à luz de um discurso constitutivo, significativo e estruturante. A estereotipia social é um pré-construído cognitivo e uma representação do mundo. Consideramos assim que a cognição social e política surge da construção intersubjetiva dos conhecimentos e da memória coletiva dos sujeitos. Este trabalho a partir da meta-enunciação tem de tomar em consideração as articulações entre memória individual e social. A memória social pode corresponder aos ajustes permanentes dos lugares individuais que se encontram e se afastam. A alteridade representada parece inscrever-se como forma de dizer do outro (ver Marques & Teletin, 2010). Estas funções permitem estabelecer um estado das representações na (in)adequação da palavra à realidade que nomeia. Pelas modalizações interpretadas, evidenciamos alteridades sentidas ideologicamente (ver Hailon, 2012).

Finalmente, estas imagens dos indivíduos percebidos como “estrangeiros” convidam-nos a tecer alguns comentários. O primeiro diz respeito à reafirmação do papel dos media na construção e transformação de perceções. O que produzem os meios de comunicação, de acordo com Hall (1995), são precisamente representações do mundo social, imagens, descrições, explicações e quadros do estado do mundo. Neste sentido, os meios de comunicação constroem para o público, definições de “grupos étnicos”, da “imigração” e as suas características, sempre na perspetiva dos grupos dominantes ou majoritários na sociedade. Ao mesmo tempo, determinem o que é suposto ser entendido como um problema de imigração através do seus estrangeiros/indesejáveis sejam eles denominados pela sua

nacionalidade ou etnia. Podemos afirmar que o que é publicado sobre a imigração e os grupos étnicos influencia diretamente as percepções sociais nesta área e reforça estereótipos e preconceitos. É sugerido que os indivíduos percebidos como “Roms” ou até mesmo “Portugueses” são uma minoria ameaçadora para a ordem da maioria dominante.

Bibliografia

AMOSSY, Ruth, HERSCHBERG-PIERROT, Anne. *Stéréotypes et clichés, langue, discours, société*. Paris: Nathan, 1997.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours. DRLAV. p. 91-151, 26, 1982.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Ces mots qui ne vont pas de soi. Boucles réflexives et non-coïncidences du dire*. Paris: Larousse, 1995.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. La représentation du discours autre: un champ multiplement hétérogène. In: ROSIER, Laurence, Juan-Manuel LOPEZ MUÑOZ, Sophie MARNETTE (eds), *Le discours rapporté dans tous ses états*. Paris: L'Harmattan, 2004. p. 35-53.

FICHET, Brigitte. Étrangers et immigrés, deux termes problématiques. *Revue des sciences sociales de la France de l'Est*, 20, p. 112-117, 1993.

GASTAUT, Yvan. *L'immigration et l'opinion en France sous la V^e République*. Paris: Seuil, 2000.

HAILON, Fred. Sens autre(s) de faits d'altérité dans la presse. In: HAVU, Eva (ed.), *Mémoires de la société néophilologique d'Helsinki*. Helsinki: Société néophilologique d'Helsinki, 2009, p. 283-294.

HAILON, Fred. Resémantisation de faits d'altérité des corpus de presse français. In: ABECASSIS, Michaël, LEDEGEN, Gudrun (eds). *Les voix du français: usages et représentations*. Oxford: Peter Lang, 2010, p. 321-332.

HAILON, Fred. *Idéologie par voix/e de presse*. Paris: L'Harmattan, 2011.

HAILON, Fred. Évidence et réticence en discours: jeux et enjeux énonciatifs de la représentation de l'autre dans la presse. In: ROSIER, Laurence, Juan-Manuel LOPEZ MUÑOZ, Sophie MARNETTE (eds.). *Citations II. Citer pour quoi faire ? Pragmatique de la citation*. Louvain-la-Neuve: Academia-Bruylant, 2011, p. 223-237.

HALL, Stuart. The Whites of Their Eyes: Racist Ideologies and the Media. In: DINES, Gail, HUMEZ, Jean M. (eds). *Gender, Race and Class in Media*. Londres: Routledge, 1995, p. 18-22.

INSEE. Fiches thématiques: Population immigrée. Immigrés et descendants d'immigrés en France. Insee Références, p. 94-135, octobre 2012.

JODELET, Denise. *Les représentations sociales*. Paris: PUF, 1994.

MARQUES, Isabel Simões, TELETIN, Andreea. Quando os Portugueses se veem Gregos ou a questão dos estereótipos culturais em expressões idiomáticas portuguesas e francesas. In: COSTA, Armanda et al. (orgs.), *Textos seleccionados, XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto: APL, p. 343-357, 2010.